

Lacan e os nós

Lacan apresenta o nó borromeano na classe de 9 de fevereiro de 1972, em seu Seminário 19 - ...ou pior

Desde essa lição apresenta a característica principal desse tipo de enodamento: três círculos que se enlaçam de uma maneira tal que o primeiro passa duas vezes sobre o segundo e duas vezes sob o terceiro círculo, e assim sucessivamente, provocando um fato curioso – ao contrário do nó olímpico onde, caso um círculo seja rompido os outros permanecem atados, no nó borromeano, caso um seja rompido os outros dois se desatam.



Lacan e os nós

“É na dimensão do ser que se situa a tripartição do simbólico, do imaginário e do real, *categorias* elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência” (Lacan, seminário 1, Escritos técnicos, 1953-54, p. 308)

Categorias são grandes conceitos, gêneros ou classes com os que estruturamos a realidade. A classificação das coisas segundo categorias supõe a partição da realidade em diversos níveis. O termo foi introduzido por Aristóteles para quem as categorias são os gêneros últimos ou supremos do *ser* e do *predicar*, ou falar sobre o ser



Lacan e os nós

O Simbólico

Quando se entra na linguagem não se sai mais. É sempre um significante remetendo a outro significante.

ufv.br

O que dá consistência no Simbólico é o falo, que dá sentido (sexual) às cadeias simbólicas.

O que faz buraco é o recalque primário



Lacan e os nós

O Simbólico

Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização.



Lacan e os nós

O Imaginário



O Imaginário é a consistência mesma dos três círculos do nó.

O Imaginário é o que é mais evanescente.

O Imaginário é o que faz corpo.

O Imaginário é o que faz borda.

Lacan e os nós

O Imaginário

Termo derivado do latim *imago* (imagem) e empregado como substantivo na filosofia e na psicologia para designar aquilo que se relaciona com a imaginação, isto é, com a faculdade de representar coisas em pensamento, independentemente da realidade. Utilizado por Jacques Lacan a partir de 1936, o termo é correlato da expressão 'Estádio do espelho' e designa uma relação dual com a imagem do semelhante. O imaginário se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo.



Lacan e os nós

O Real



Não se deve confundir Real com realidade.

O Real escapa ao Simbólico e ao Imaginário; situa-se mais além. Existe.

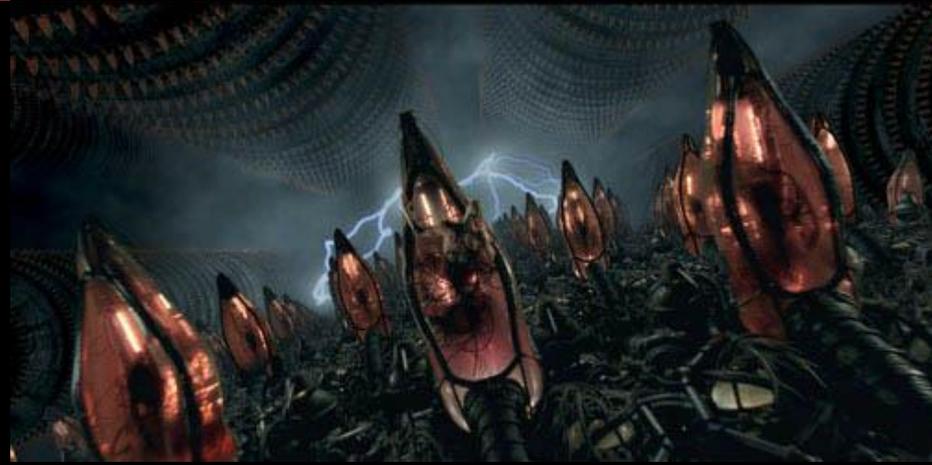
O Real é o impossível. Aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar.

Lacan e os nós

O Real

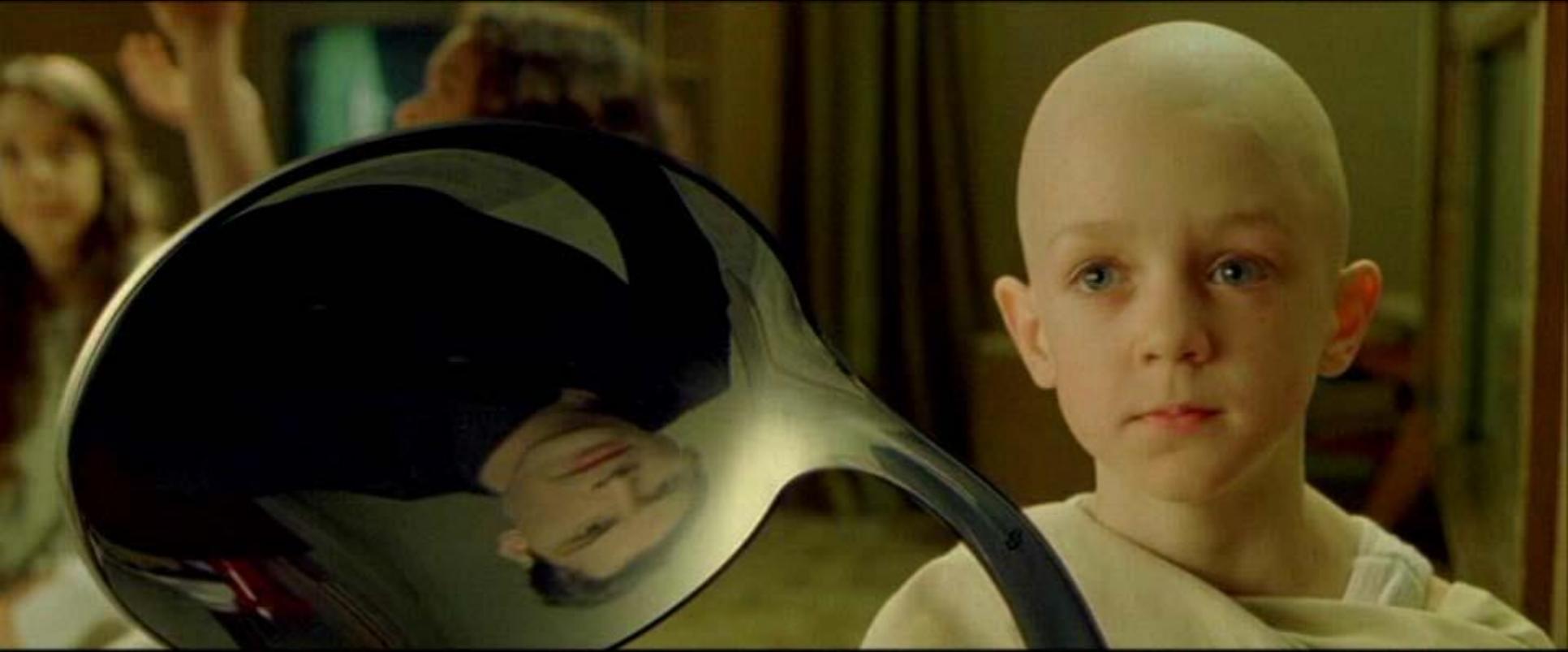
Termo empregado como substantivo, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente* à representação e impossível de simbolizar.

* aquilo que se situa no interior do mundo ou dentro do limite da experiência humana



Lacan e os nós

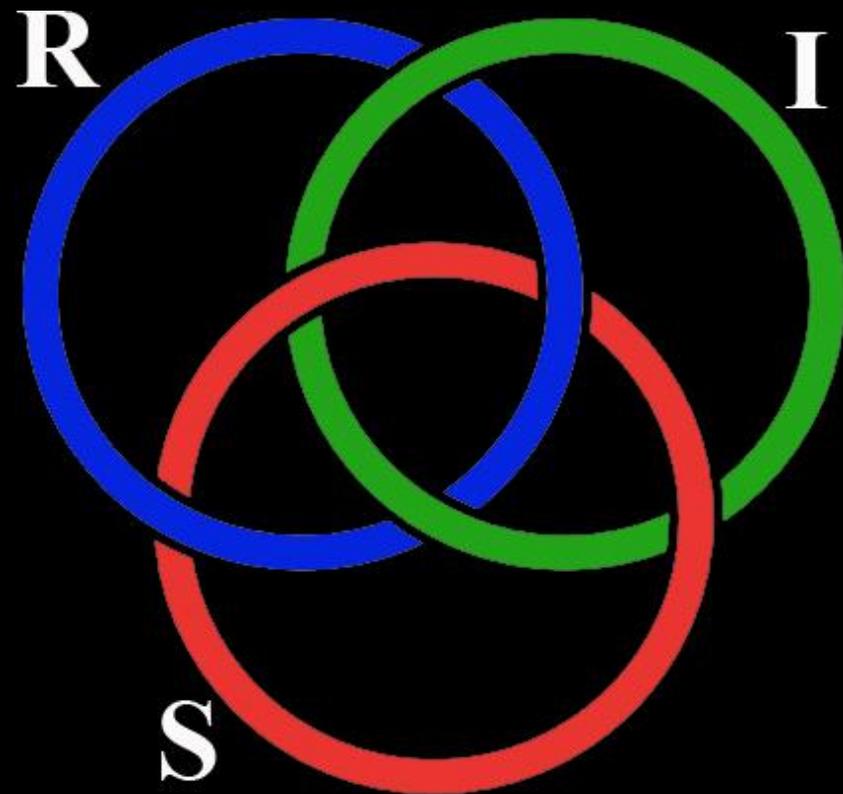
O Simbólico é o que esburaca o Real, ou seja, como em Hegel: “a palavra é a morte da coisa”. O significante, símbolo de uma ausência, esburaca o Real.



Lacan e os nós

Vamos então à mostração (não à demonstração) dos nós

É assim que o nó borromeano liga as três dimensões, Real, Simbólico e Imaginário. A clínica ilustra então cada modo particular de enodar o Real, o Simbólico e o Imaginário a três (depois tomado como impossível), ou com a ajuda do quarto anel do Sinthome; ou ainda, interpenetrando-os como nas psicoses, quando o enodamento borromeano não pôde ser feito.



Lacan e os nós

Lacan em seu Seminário 22 - RSI (1974-75), vai apresentar esse percurso no qual os registros Real, Simbólico e Imaginário se apresentam ao mesmo tempo como teoria e como história de uma construção de conhecimento

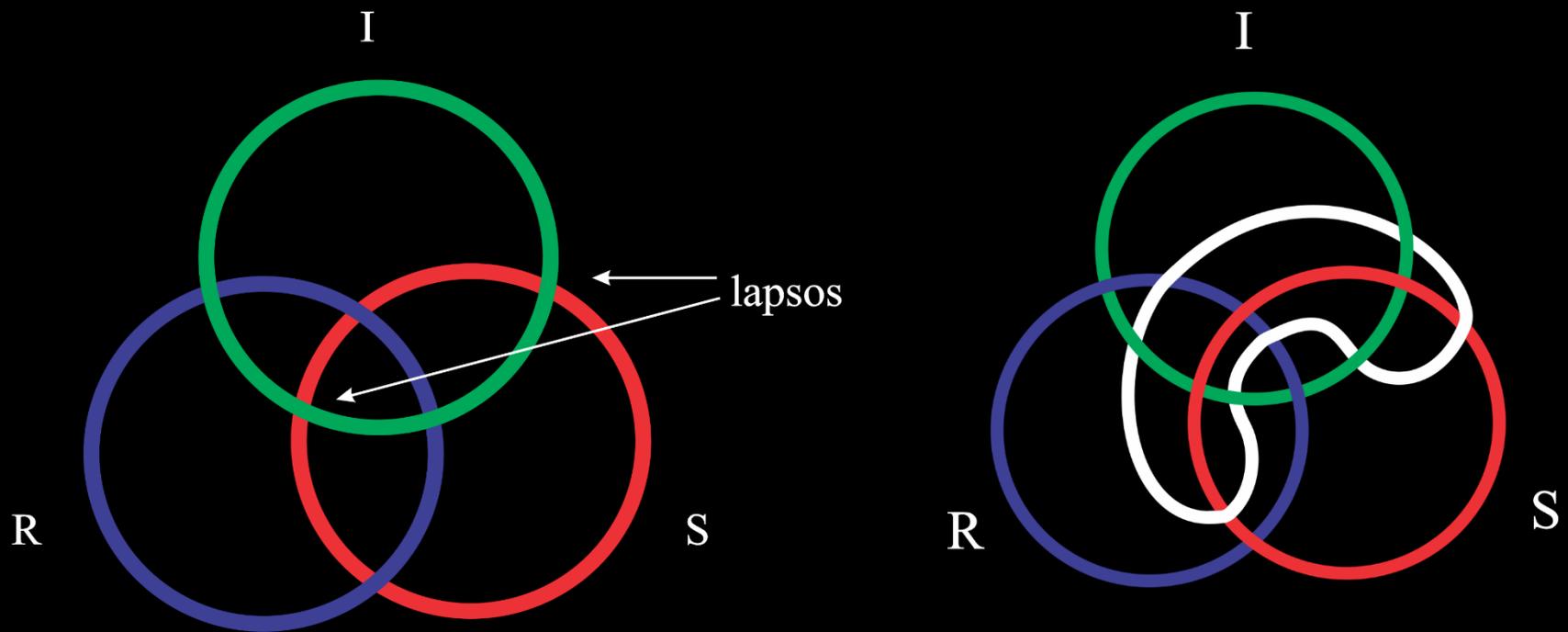
“que eu tenha começado pelo Imaginário e, em seguida, precisado um bocado mastigar essa história de Simbólico com toda essa referência linguística sobre a qual efetivamente não encontrei tudo aquilo que me teria facilitado. E depois, esse famoso Real, que acabei por lhes apresentar sob a forma mesmo do nó”



Lacan e os nós

No Seminário 23 – o sintoma (1975-76), Lacan irá se debruçar sobre o nó com quatro elos, que já havia surgido no seminário anterior.

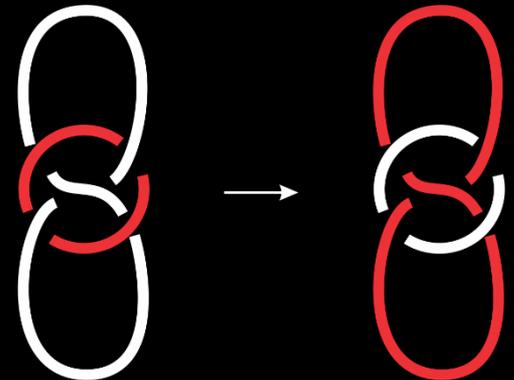
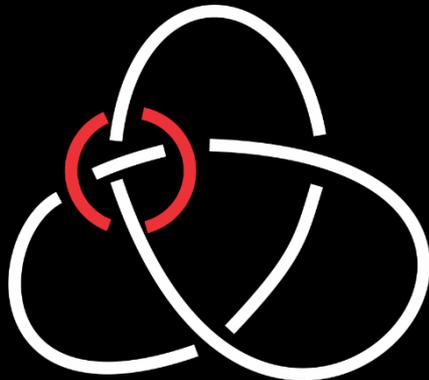
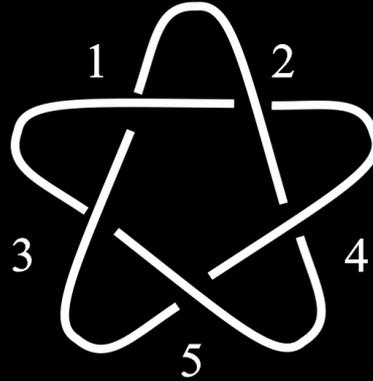
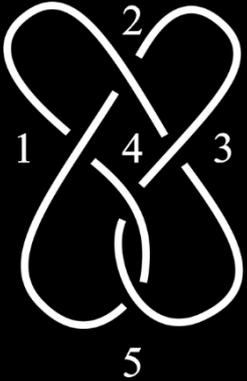
Esse quarto elo tem uma função de reparação, nos momentos em que os enodamentos apresentam lapsos.



Lacan e os nós

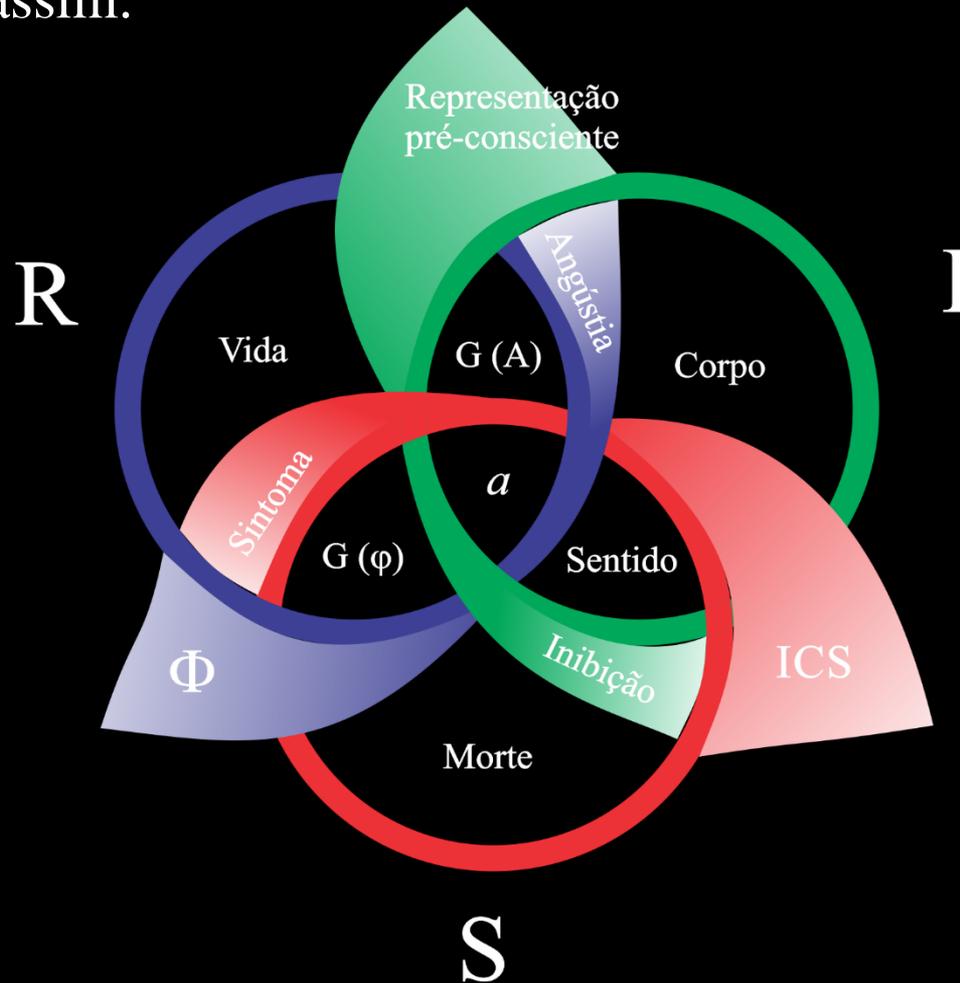
Diversas são as formas de amarração, diversos também são os tipos de reparação.

Na verdade, cada um terá sua forma singular de fazer as amarrações



Lacan e os nós

Se pensarmos o nó com apenas três elos e pudermos colocar todas (dentro do possível) as construções teóricas de Lacan na apresentação gráfica ele ficaria aproximadamente assim:

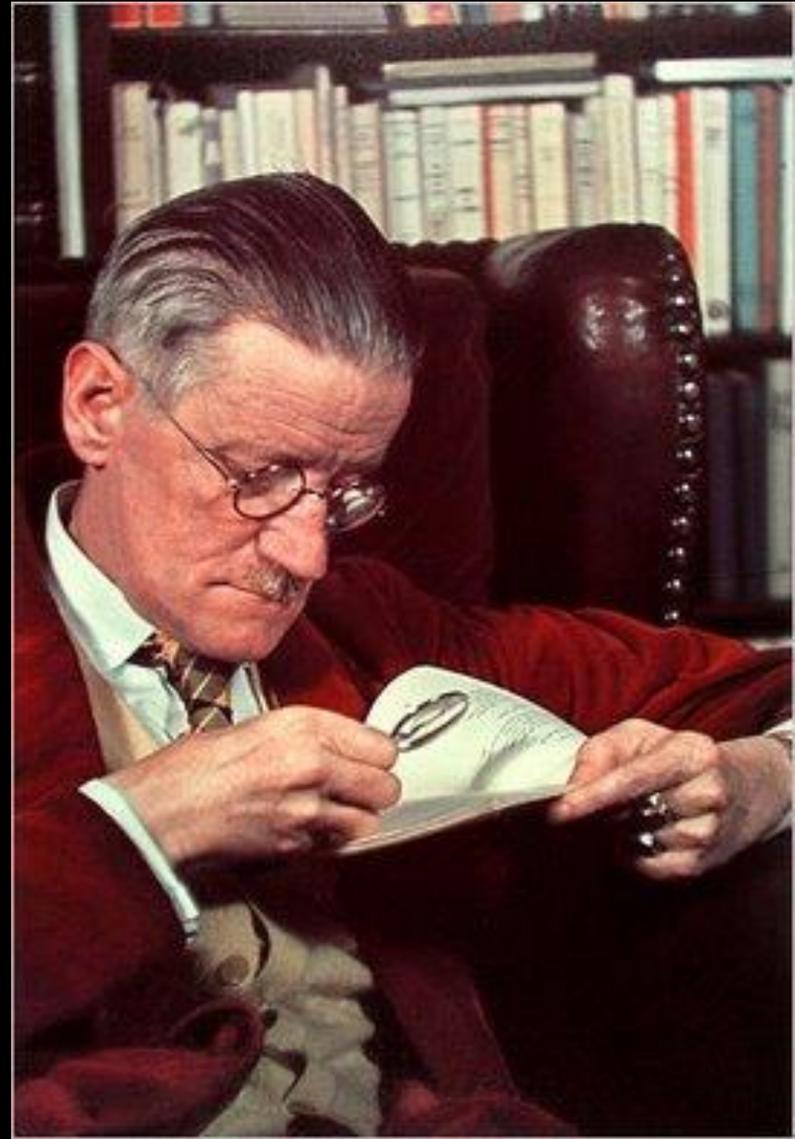


Lacan e os nós

O Sinthome

Em seu Seminário 23: o sinthoma (1975-1976/2007) Lacan irá fazer um longo estudo do escritor irlandês James Joyce, partindo da ótica do nó borromeano.

Tratava-se de designar o escritor por seu “sintoma”, isto é, por sua teoria da criação, a “epifania” ou êxtase místico, retirada de Tomás de Aquino (“santo homem”).

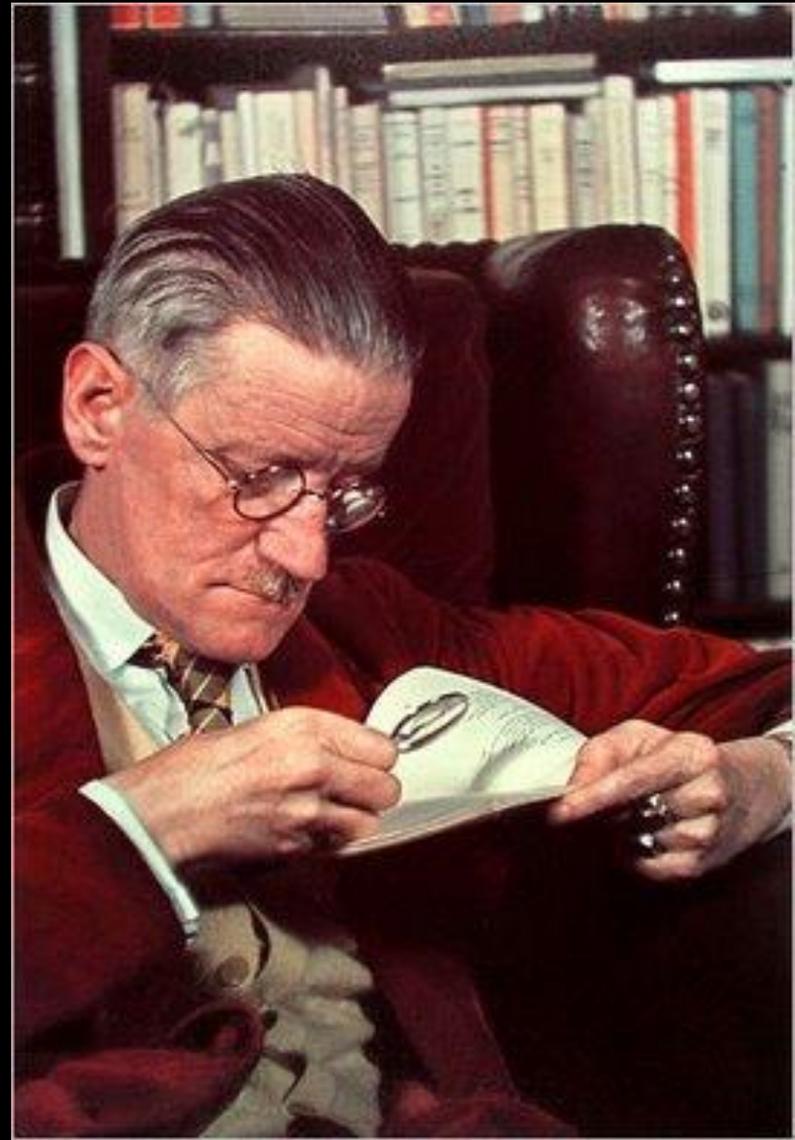


Lacan e os nós

Sintoma e Sinthoma

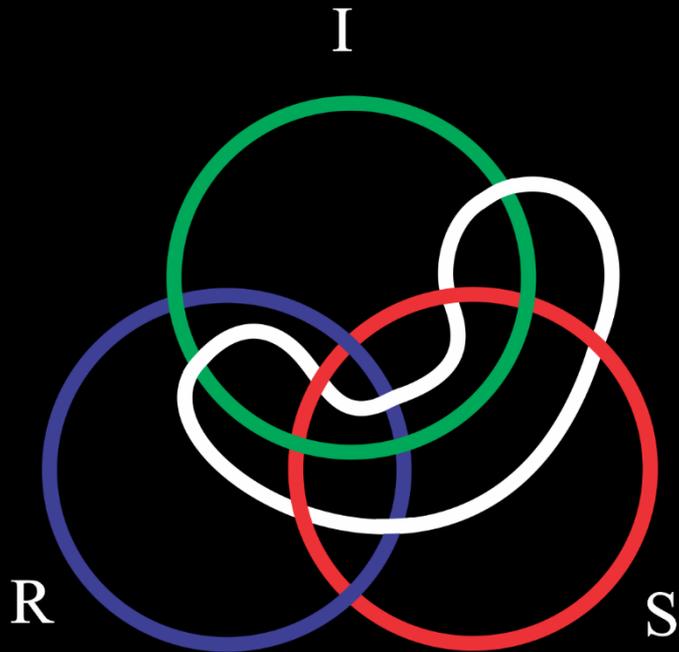
O termo *symptôme* (sintoma em francês) tem a partícula *ptôma* que demonstra sua origem grega (queda), referindo-se àquilo que se espera que caia durante a análise pelo deciframento da mensagem dirigida ao Outro

Já o *sinthome*, do francês antigo, foi utilizado por Lacan para diferenciá-lo do sintoma de sua primeira clínica, como uma função específica de prótese, para re-enodar Real, Simbólico e Imaginário, ameaçados de desatarem-se por terem sido mal enodados na origem



Lacan e os nós

Os Nomes-do-Pai

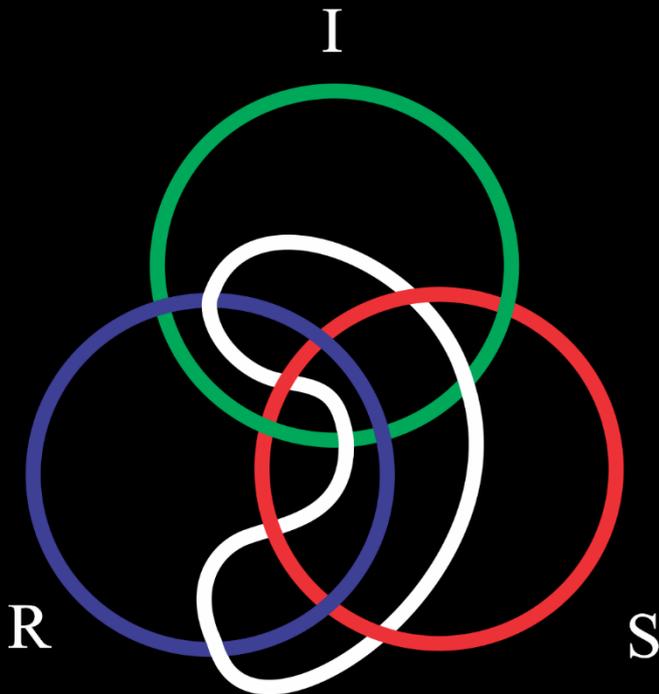


Os nomes do pai são o Simbólico, o Real e o Imaginário.

Se a metáfora paterna falha na operação edipiana, haverá outros nomes de pai para sustentar a estrutura do sujeito, e o sinthome é um deles.

Lacan e os nós

Os Nomes-do-Pai

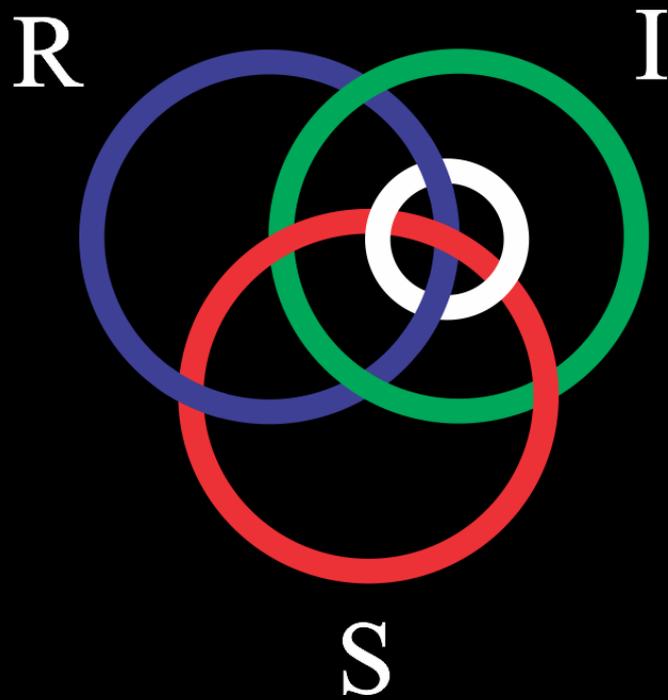


A pluralização dos Nomes do pai não se trata aqui de uma superação da função paterna, mas de uma variação da função que, como tal, produzirá efeitos diferenciados.

O Sinthome, então seria mais um deles.

Lacan e os nós

A suplência

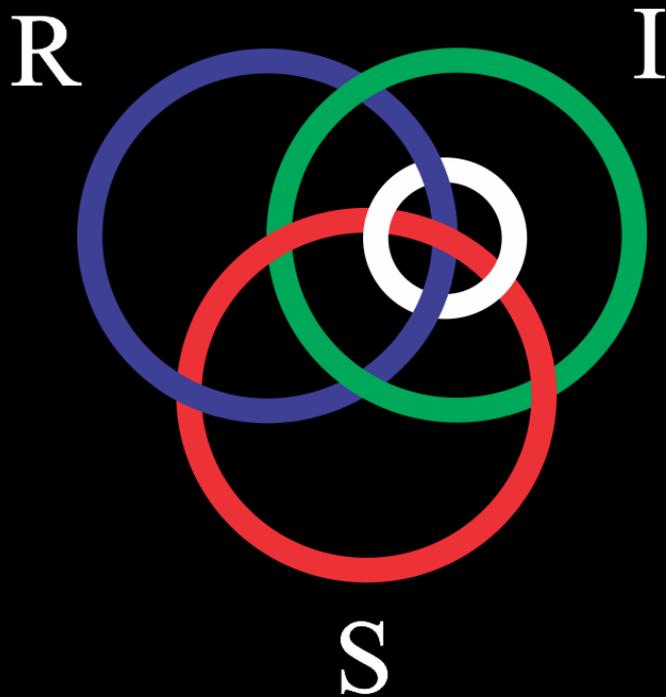


Suprir quer dizer substituir (pessoas ou coisas); refere-se, portanto, a colocar algo no lugar de, alguma falta, por exemplo.

Suplência, por sua vez, é uma condição do que é suplente, ou seja, daquele que supre uma falta ou que pode ser chamado a exercer as funções de outro, na falta deste, um substituto.

Lacan e os nós

A suplência

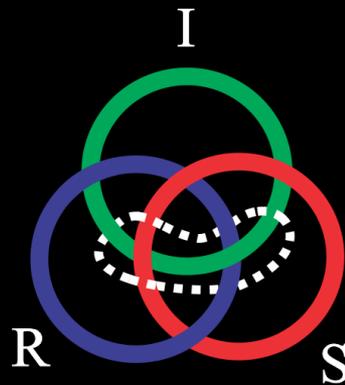
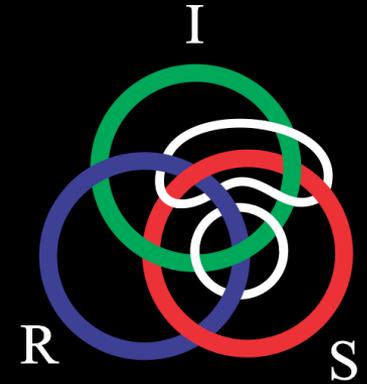
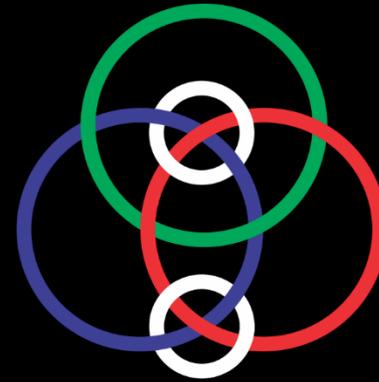
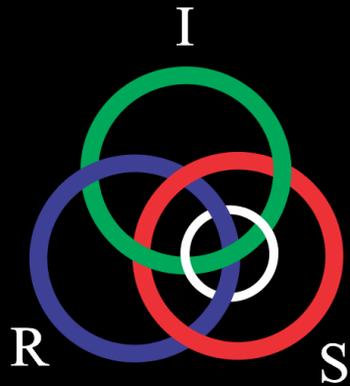


Os elementos que atuam como suplências deixam ao sujeito a possibilidade de trabalhar subjetivamente no sentido de produzir suplências que possam fazer a correção dos lapsos do nó, reparando ou não as propriedades borromeanas do mesmo.

Lacan e os nós

Os Nomes-do-Pai

Consequentemente teríamos várias maneiras de corrigir os nós, nos pontos onde ocorreram lapsos.



A toxicomania poderia ser um desses tipos de suplência?